

O Humano Insano e as palavras do infante em Guimarães Rosa e Clarice Lispector



márcio moraes

Literatura e Português

Uma leitura dos contos:
“Sorôco, sua mãe, sua filha” e “A menina de lá”,
de João Guimarães Rosa; e “Felicidade
Clandestina”, de Clarice Lispector.

O humano insano e as palavras do infante
em Guimarães Rosa e Clarice Lispector

Márcio Moraes

O humano insano e as palavras do infante
em Guimarães Rosa e Clarice Lispector

1.^a Edição

Montes Claros
Márcio Adriano Silva Moraes
2014

Copyright © 2014
Todos os direitos reservados a
Márcio Adriano Silva Moraes

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 5.988 de 14/12/1973.
É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sem autorização prévia, por escrito do autor.

Contato e pedidos pelo site:
www.marcioadrianomoraes.com

M827o

Moraes, Márcio.

O humano insano e as palavras do infante em
Guimarães Rosa e Clarice Lispector - Montes Claros:
MASM, 2014.

63p.

ISBN: 978-85-914114-5-0

1. Literatura brasileira. 2. Ensaaios. I. Título.
CDD - B869.4

Revisão Textual: Márcio Moraes
Diagramação: Felipe Santana
Arte da capa: Felipe Santana
Marca: Ricardo Kennedy Duarte

Gráfica Uni-Set Ltda.
Rua Urbino Viana, 593 – Vila Guilhermina
Cep: 39.400-087 – Montes Claros – MG
E-mail: graficanuniset@yahoo.com.br

Impresso em Julho de 2014.

*Ô seu Manoel, tenha compaixão,
Tira nós tudo desta prisão,
Estamos todos de azulão
Lavando o pátio de pé no chão.*

*Lá vem a boia do pessoal,
Arroz cru e feijão sem sal,
E mais atrás vem o macarrão,
Parece cola de colar balão.*

*E mais atrás vem a sobremesa,
Banana pobre em cima da mesa,
E logo atrás vêm as funcionárias
Que são as putas mais ordinárias.*

Versos cantados por
Sueli Aparecida Rezende,
em cena do documentário *Em nome da Razão*,
dirigido por Helvécio Ratton, em 1979.
Internada aos 10 anos de idade
no Hospício Colônia, em Barbacena,
falecida em 2006.

Sumário

Contexto histórico-literário.....	9
João Guimarães Rosa	10
Características literárias de João Guimarães Rosa	11
Enredo de “Sorôco, sua mãe, sua filha”	16
Trem de doido: o apito do ser no canto de “Sorôco, sua mãe, sua filha”, de João Guimarães Rosa	17
Enredo de “A Menina de lá”	30
Ave, palavra! a sábia loucura do infante em “A menina de lá”, de João Guimarães Rosa	32
Considerações finais sobre os dois contos de Rosa	40
Referências	42
Clarice Lispector	44
Características literárias de Clarice Lispector	45
Enredo de “Felicidade Clandestina”.....	47
Volvendo as páginas da infância: da espera ao êxtase em “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector.....	48
Referências	56
Questões propostas	57

Contexto histórico-literário

A crítica literária nomeia as produções de 1945 em diante ora como terceira fase modernista, ora como pós-modernista ou ainda neomodernista. No contexto histórico social e político, inicia-se a Guerra Fria, voltando as atenções para o Socialismo e Capitalismo. O Brasil passa por instabilidades políticas, deposição (1945), eleição (1950) e suicídio (1954) de Getúlio Vargas. Juscelino Kubitschek assume a presidência em 1955, incentivando as indústrias automobilística, siderúrgica e mecânica e iniciando a construção de Brasília, que seria inaugurada em 1960. Logo em seguida, a eleição de Jânio Quadros, sua renúncia em 1961, o governo de João Goulart (Jango) e sua deposição através do golpe militar em 1964 que se estenderá até a década de 1980.

No campo artístico, há um grande florescimento estilístico em todas as artes. Na pintura, podemos destacar a divulgação das artes plásticas e fundação de museus. A partir de 1950, a bienal de São Paulo começa a atrair artistas plásticos do mundo inteiro. No cenário mundial, surgem novas tendências como a *Pop Art* e a Arte cinética, além da Performance e outras vanguardas. Seguindo os preceitos de Oswald de Andrade com seu Manifesto Antropofágico, várias culturas estrangeiras foram deglutidas. No Brasil, da década de 1950 até 1970 surgiram muitas vanguardas e movimentos literários como Concretismo, Neoconcretismo, Poesia Práxis, Poema Processo, Poesia Marginal, Poesia Social, Tropicália e Bossa Nova. Ariano Suassuna, Jorge de Andrade, Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal revolucionam as artes cênicas, amadurecendo o processo iniciado por Nelson Rodrigues.

Destaca-se na literatura da geração de 1945 a renovação dos meios de expressão a partir de uma pesquisa em torno da linguagem. Uma verdadeira revolução linguística e percepção literária exsurge no cenário nacional. O traço “formalizante” caracteriza a geração de poetas da época, como João Cabral de Melo Neto que propôs uma retomada formal (neoparnasianismo), mas com temas sociais; destaque para seu auto de natal pernambucano: “Morte e vida Severina”. A prosa conhece a literatura intimista e introspectiva de sondagem psicológica de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles. O regionalismo de inflexão mítica, que modifica o romance regionalista nordestino da geração de 1930, encontra em Guimarães Rosa, através de sua saga mineira, o apogeu. O espaço urbano também é retratado nas crônicas de Rubem Braga e nos contos de Dalton Trevisan, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, entre outros.

João Guimarães Rosa

João Guimarães Rosa (Cordisburgo, M. Gerais, 1908 – Rio de Janeiro, 1967). Filho de um pequeno comerciante estabelecido na zona pastoril centro-norte de Minas, aprendeu as primeiras letras na cidade natal. Fez o curso secundário em Belo Horizonte revelando-se desde cedo um apaixonado da Natureza e das línguas. Cursou Medicina e, formado, exerceu a profissão em cidades do interior mineiro (Itaúna, Barbacena). Nesse período, estudou sozinho alemão e russo. Em 1934, fez concurso para o Ministério do Exterior. Ingressando na carreira diplomática, serviu como cônsul-adjunto em Hamburgo, sendo internado em Baden-Baden quando o Brasil declarou guerra à Alemanha. Foi secretário de embaixada em Bogotá e conselheiro diplomático em Paris. De volta ao Brasil, ascende a ministro (1958). Um dos seus últimos encargos de profissional foi a chefia do Serviço de Demarcação de Fronteiras que o levou a tratar casos espinhosos como o do Pico da Neblina e o das Sete Quedas. Da sua carreira de escritor, em grande parte afastado da vida literária, só obteve o reconhecimento geral a partir de 1956, quando saíram *Grande Sertão: Veredas* e *Corpo de Baile*. Mas publicadas estas obras, o reconhecimento cresceu a ponto de melhor chamar-se glória. Há traduções de suas obras para o francês, o italiano, o espanhol, o inglês e o alemão. G. Rosa faleceu de enfarte, aos cinquenta e nove anos, três dias depois de admitido solenemente à Academia Brasileira de Letras.¹

Principais obras: *Sagarana*, 1946 (contos); *Com o vaqueiro Mariano*, 1952 (contos); *Corpo de baile*, 1956 (novela); *Grande Sertão: veredas*, 1956 (romance); *Primeiras estórias*, 1962 (contos); *Campo geral*, 1964 (novela de Corpo de baile, com ilustrações de Djanira); *Manuelzão e Miguilim*, 1964 (novela); *No Urubuquaquá, no Pinhém*, 1956 (novela); *Noites do Sertão*, 1965 (novela). (Estes três últimos livros são desdobramentos de *Corpo de baile*); *Tutameia: terceiras estórias*, 1967 (contos).

¹ Biografia extraída na íntegra de BOSI, 2006, p. 429.

Características literárias de João Guimarães Rosa

João Guimarães Rosa, aos 37 anos, recebe um prêmio da Academia Brasileira de Letras por sua obra *Magma* em 1945. Livro de poesias que só seria publicado após sua morte. Rosa era homem de prosa, de narrativas poéticas, não de estrofes. Seus versos estavam na transposição da vida sertaneja para as páginas literárias. Esse homem do sertão desvirtuou os gêneros literários, fundindo-os em uma única forma. Poema, romance, conto, drama, epopeia são para ele uma só literatura; como o mundo é um só, o homem é um só. Rosa busca sua própria linguagem literária para transmitir suas ideias. Sua prosa é poesia fluente que procura, diferentemente das narrativas tradicionais, poetizar um caso, em vez de apenas narrá-lo. Dessa forma, pode-se afirmar que João Guimarães Rosa é literalmente um escritor que cria literatura, no sentido fecundo do termo, o criador.

Salienta Alfredo Bosi que

toda voltada para as forças virtuais da linguagem, a escritura de Guimarães Rosa procede abolindo intencionalmente as fronteiras entre narrativa e lírica, distinção batida e didática, que se tornou, porém, de uso embaraçante para a abordagem do romance moderno (BOSI, 2006, p. 430).

Foi um escritor original. Conhecedor de diversos discursos, Guimarães foi leitor de filósofos como Plotino, Heráclito e Platão e de clássicos como Joyce e Machado. Analisando o acervo da biblioteca pessoal de Rosa, Suzi Frankl Sperber publica, em 1976, *Em caos e cosmos: leituras de Guimarães Rosa*, livro traz um levantamento de mais de 2.000 livros de vários gêneros. No que tange à religião, percebem-se nuances do Espiritismo de Alan Kardec, do Catolicismo de Sertillanges, Bernanas, do Zen-budismo e Taoísmo de Lao-Tsé. Afrânio Coutinho observa que “a sua religiosidade é uma religiosidade livre” (COUTINHO, 2004, p. 490). Em *Grande Sertão: veredas*, lemos pela voz de Riobaldo a fascinação de Rosa pelas religiões:

Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha

me refresca. (ROSA, 2001a, p. 32)

Além de seu vasto conhecimento literário e religioso, Rosa estudou diversos idiomas, entre eles alemão, francês, inglês, espanhol, italiano, sueco, holandês, latim, grego, húngaro, árabe, sânscrito, lituano, polonês, tupi, hebraico, japonês, tcheco, finlandês, dinamarquês. Através desse amálgama cultural, Guimarães criava um estilo só dele, uma linguagem própria, única. Certa vez, falando sobre o português brasileiro e seu processo de escrita, confidenciou a Günter Lorenz:

Escrevo, e creio que este é o meu aparelho de controle: o idioma português, tal como o usamos no Brasil; entretanto, no fundo, enquanto vou escrevendo, eu traduzo, extraio de muitos outros idiomas. Disso resultam meus livros, escritos em um idioma próprio, meu, e pode-se deduzir daí que não me submeto à tirania da gramática e dos dicionários dos outros. A gramática e a chamada filologia ciência linguística, foram inventadas pelos inimigos da poesia. (LORENZ, 1983, p. 70).

A revolução linguística proposta por Rosa fez Afrânio Coutinho classificá-lo como um *instrumentalista*, já que ele reduz a ficção à pesquisa formal e linguística. Utilizou a linguagem na forma mais criativa, explorando a sonoridade das palavras, incorporando a fala regional, criando termos, adaptando expressões de outras línguas. Dessa forma, nenhuma palavra em Rosa é por acaso. Ele obriga os leitores a refletirem sobre o(s) significado(s) das palavras para compreender a nova dimensão semântica proposta pelo seu discurso. Sua linguagem não se inova apenas na construção ou desconstrução linguística – da gramática portuguesa – mas no campo estilístico. Segundo Bosi, entre os recursos expressivos da poesia de Rosa estão:

células rítmicas, aliteraões, onomatopeias, rimas internas, ousadias mórficas, elipses, cortes e deslocamentos de sintaxe, vocabulário insólito, arcaico ou de todo neológico, associações raras, metáforas, anáforas, metonímias, fusão de estilos, coralidade (*sic*)². (BOSI, 2006, p. 430).

João Cabral de Melo Neto ao comentar os neologismos do amigo mineiro, comparava-o ao escritor irlandês James Joyce. Este, porém, quando criava uma palavra, dava a ela um caráter cosmopolita, enquanto Guimarães Rosa dava luz a uma palavra caipira, nascida ali mesmo nos gerais.

² BOSI, 2006, p. 430.

Carlos Nejar testemunha que depois de ler um conto de *Corpo de baile*, encontrou-se com Rosa que lhe perguntou se havia percebido um ponto de exclamação num trecho do enredo, em que o touro chifrava uma onça e jorrava um jato de sangue. Nejar afirmou que, sim, tinha visto o ponto de exclamação. Entretanto, não tinha prestado atenção no diferente, pois Rosa colocara um ponto antes e um ponto depois – “!.!” – algo que ninguém reparou. E explicou que era para dar uma ideia de jato.

E eu notei porque Rosa me chamou a atenção. Isso mostra o cuidado de Guimarães nas onomatopeias e até nos sinais linguísticos para aperfeiçoar ou mesmo fluir mais forte o texto. E sua esfera é a do simbólico, concretizando o que dizia Léon Bloy: “Todo homem é simbólico, e é na medida em que ele é símbolo que ele é vivo”. (NEJAR, 2011, p. 689).

O seu espaço seletivo é o sertão mineiro, onde acontecem dramas fáusticos, aventuras insólitas, duelos sangrentos, histórias de amor, encontros transcendentais, rezas, mandigas... temas infundidos como o Sertão que nunca termina, porque se começa mesmo é dentro da gente. O seu regionalismo difere, pois, dos seus parceiros modernistas, sobretudo da década de 1930. Enquanto Graciliano Ramos trazia um sertão marcado pela seca, pelas disparidades sociais, demonstrando uma literatura claramente engajada; Guimarães Rosa mostra um sertão humano, transcendente. Refletindo acerca do sertão em Rosa, Afrânio Coutinho questiona e esclarece:

Que será, pois, *sertão*? Símbolo de toda a região escura, de todas as zonas sem luz onde se operam as eclosões do nosso irracionalismo. Então a sua realidade não é geográfica ou ecológica, sim, *psicológica*. Sua consistência, existencial. Mas “*grande sertão*” – ou o *grande-sertão* – é o *subconsciente*. (COUTINHO, 2004, p. 518).

Adquira o livro completo!

Apenas R\$15,00 (frete incluso)

Acesse: <http://www.marcioadrianomoraes.com/livros.php>